A Caxemira nas Relações Índia-Paquistão: Perspectivas Política Nuclear do Paquistão, Antecedentes e Desenvolvimento Rumo à resolução de conflitos

Ahsan Alesar
University of Karachi
Email: ahsan9@gmail.com

Resumo

O conflito entre Índia e Paquistão sobre o problema da Caxemira ainda parece ser um obstáculo em suas relações. Já se passaram 58 anos desde que a disputa passou, mas não há um acordo final que possa ser aceito por ambas as partes. Se 1947 é o dia da independência da Índia e do Paquistão, então esse ano é o início do sofrimento do povo da Caxemira. O Paquistão, como o partido que tem o direito de fazer da Caxemira como parte de seu território, sente a necessidade de continuar a levantar essa questão, embora tenha que desenvolver a energia nuclear.

Palavra-chave: Caxemira nas relações Índia-Paquistão, política clara do Paquistão.

_ _ _ _ _ _ _ _ _ _ ◆ _ _ _ _ _ _ _ _ _ _

A. INTRODUÇÃO

As interações entre os países no sistema contemporâneo são muitas e variadas. Essas interações são frequentemente classificadas de acordo com as áreas temáticas, como comércio, segurança internacional, turismo, cooperação técnica, intercâmbio cultural, controle de armas nucleares e assim por diante. As interações que ocorrem formarão uma série de características da própria interação. A classificação das interações pode ser dividida em duas, nomeadamente na forma de harmonia ou conflito. Essa avaliação pode ser percebida na medida em que esses países são capazes de moldar as interações que ocorrem entre eles. A interação não ocorre apenas no âmbito que é limitado pelo seu aspecto geográfico. Um país pode interagir com um ou mais países fora de sua região. No entanto, um país geralmente prioriza as interações com países localizados próximos uns dos outros. É claro que essa escolha ainda se baseia nas prioridades e nos rumos da política externa do país. Nessa coexistência, geralmente dois países vivenciam uma série de problemas, por exemplo, em relação às fronteiras nacionais. Esta região é importante considerando que a extensão dos limites territoriais é parte da soberania de um país. Para

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

o Paquistão, que fica geograficamente perto da Índia, também há uma série de problemas. O problema mais importante para o Paquistão diz respeito à disputa pela região da Caxemira, que ainda não foi resolvida. Pelo menos é isso que o Paquistão ainda mantém até hoje. O que é importante notar é que medidas estão sendo tomadas pelo Paquistão para superar este problema e que impacto isso tem em suas relações bilaterais com a Índia, especialmente no desenvolvimento da disputa de Caxemira.

Antes que a Índia e o Paquistão conquistassem sua independência da Grã-Bretanha, dois grandes partidos políticos na Índia, que representavam uma grande parte da comunidade hindu e outro grande partido que representava as aspirações muçulmanas, haviam enfrentado oposição quanto à direção da política entre eles. A Associação Muçulmana Indiana liderada por Mohammad Ali Jinnah quer uma pátria separada para os muçulmanos indianos. No final, os britânicos concordaram em dividir a Índia em dois estados independentes, mas o problema era que eles não supervisionaram a expropriação desse poder. A própria Caxemira é uma das muitas regiões onde a descolonização britânica teve a oportunidade de escolher entre dois países com origens religiosas diferentes. Mais de 500 estados principescos podem determinar livremente seu futuro para se juntar a um dos países existentes. No entanto, naquela época havia três áreas que eram difíceis de fazer escolhas considerando que os três estados principescos não tinham uniformidade entre as autoridades e a maioria de seus cidadãos em termos de religião. Os três estados principescos são Junagadh, Hyderabad e Jammu-Kashmir. Junagadh é um pequeno país com 80% da população hindu, mas seu governante é um muçulmano que tende a ser pró-Paquistão. Paquistão Hyderabad é predominantemente hindu com governante muçulmano, mas não tem inclinação para o Paquistão ou a Índia. Enquanto Jammu-Caxemira tem uma população de maioria muçulmana de 90% e inclina-se para o Paquistão, seu governante hindu então trouxe Jammu-Caxemira para a Índia. Junagadh acabou se unindo à Índia por meio do plebiscito, enquanto Hyderabad por meio da ocupação militar. No entanto, a própria região de Jammu-Caxemira não pode ser resolvida até agora. A região da Caxemira foi inicialmente controlada por Raja Gulab Singh, que é hindu, enquanto a maioria de seus cidadãos são muçulmanos. Durante seu reinado, Singh foi considerado uma atitude que pesava sobre seus cidadãos ao forçar o pagamento de impostos. Ao mesmo tempo, no campo sócio-cultural (desde 1850) Singh continuou a pressionar a Caxemira muçulmana com o lançamento do programa Suddhi, conhecido como Hinduisasi. Este movimento é uma tentativa de "devolver" os muçulmanos à religião original de seus ancestrais, ou seja, o hinduísmo.

Essa atitude, que era onerosa para os cidadãos, causou revoltas que se opunham às regras de Singh. Todo cidadão que não obedecer às regras será imediatamente respondido e preso. Em tais situações, nasce um movimento de resistência interna. Essa resistência a Singh se espalhou até mesmo por todo o distrito de Poonch, onde milhares

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

de muçulmanos que eram veteranos da Segunda Guerra Mundial viveram e se mobilizaram. Esta situação de rebelião tem estimulado até tribos fronteiriças no Paquistão com seu zelo religioso para apoiar a luta do povo da Caxemira. Como resultado de sentir que a condição de seu território estava cada vez mais fora de controle, Singh pediu ajuda aos índios para superar a turbulência. Foi nessa época que o papel da Índia na região da Caxemira começou. Singh e a Índia concordaram que, se a Índia fosse capaz de superar a situação na Caxemira, Singh estaria disposto a se juntar à Índia. Como resultado, uma catástrofe maior emergiu, ou seja, a primeira guerra entre a Índia e o Paquistão em 1947.

A primeira guerra que ocorreu entre a Índia e o Paquistão fez com que a ONU interviesse para mediar os problemas em curso. A própria ONU emitiu então a resolução 47 em 1948. Esta resolução determina que a resolução do problema da Caxemira seja resolvida por meios democráticos, ou seja, um plebiscito livre para o povo da Caxemira escolher se deseja aderir à Índia ou ao Paquistão. A própria Índia respondeu que sua ocupação na Caxemira era apenas para restaurar a situação e, se as condições fossem possíveis, um referendo seria realizado como está escrito na resolução da ONU. Mas aparentemente isso nunca aconteceu. Na verdade, a Índia secretamente lançou medidas políticas que levaram ao controle da região da Caxemira sobre a Índia. Por exemplo, a assembleia constituinte de Jammu-Caxemira, que foi um governo fantoche feito na Índia, por exemplo, em 6 de fevereiro de 1954, ratificou a integração da Caxemira na Índia. Em 19 de novembro de 1956, a mesma instituição também aprovou uma constituição que afirma que o estado da Caxemira é parte integrante da Índia. Em 26 de janeiro de 1957, a Índia formulou os termos dessa transferência de poder e declarou que as disposições não podiam ser contestadas, muito menos canceladas. O que for feito pela Índia dará a impressão à ONU de que o problema de mover a Caxemira foi resolvido de forma adequada e de acordo com as disposições existentes. Essa engenharia mostra que a região da Caxemira parece optar por se juntar à Índia em vez do Paquistão. Essa atitude injusta irritou o Paquistão e finalmente reacendeu a luta entre os dois lados. A guerra que ocorreu em 1965, em última análise, não significou nada para o Paquistão. Desde então, a Caxemira ainda é controlada pela Índia e o Paquistão controla apenas um terço da região. A atmosfera em 1972 era uma situação que foi alcançada quando o Acordo de Shimla foi alcançado. Após o acordo, as relações entre os dois países são relativamente boas. Acontece que a Índia aproveitou a oportunidade para dar uma opinião ao mundo internacional de que os problemas entre a Índia e o Paquistão (de novo) puderam ser resolvidos de maneira adequada.

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

B. REVISIÓN DE LA LITERATURA

O núcleo atômico tem uma quantidade extraordinária de poder. Por exemplo, um grama de U-235 (um dos materiais radioativos nucleares) pode ser usado para suprir as necessidades de eletricidade da televisão por mais de 15 anos com a suposição de uso por 12 horas por dia. Mesmo com o mesmo cálculo, um grama de U-235 pode ser usado para atender às necessidades de eletricidade de uma residência com 900 watts de potência por mais de um ano e meio com a suposição de uso máximo por 12 horas todos os dias. O extraordinário poder deste núcleo atômico certamente encoraja os especialistas a dominarem essa tecnologia que, no futuro, poderá ser utilizada para atender às necessidades diárias do ser humano em termos de energia. Isso é precisamente o que o Paquistão adotou, como um país pobre que está tentando utilizar a tecnologia nuclear para seus cidadãos. O capital limitado para iniciar este programa nuclear não é um obstáculo para o Paquistão. O Paquistão conseguiu iniciar este programa utilizando a agenda lançada pelo presidente Dwight Eisenhower, que em 1954 propôs o uso de átomos para a paz (Atoms for Peace Proposal). Como primeiro passo, o Paquistão estabeleceu a Comissão de Energia Atômica do Paquistão (PAEC) em 1956, colocando o Dr. Nazir Ahmed como presidente. Depois de se levantar, a agência imediatamente fez planos para a construção de um reator de tratamento nuclear movido a eletricidade. Em seu desenvolvimento, o PAEC não tem funcionado adequadamente e ainda não deu uma contribuição significativa ao programa nuclear devido ao fraco apoio fornecido pelo governo na época. Este programa teve poucos avanços com o surgimento de Zulfikar Ali Bhutto como ministro dos recursos naturais e minerais em 1960 e a nomeação do Dr. Ishrat H. Usmani se tornou o novo presidente do PAEC no mesmo ano. Os otomanos receberam a tarefa de preparar da melhor forma todas as necessidades do Paquistão. Durante seu novo mandato, um instituto foi estabelecido sob o nome de Instituto de Ciência e Tecnologia do Paquistão (Pinstech). Um progresso feito pelos otomanos foi um programa para que potenciais jovens paquistaneses fossem selecionados e enviados ao exterior para receber treinamento. Entre 1960 e 1967, seiscentos dos participantes voltaram para casa com doutorado.

O programa de energia nuclear do Paquistão deu um passo considerável em 1965. Bhutto - que este ano é ministro das Relações Exteriores desde 1963 - começou a pensar na criação de armas nucleares em resposta aos esforços feitos pela Índia usando energia nuclear para fins militares. O desejo de Bhutto ficou mais forte após a guerra Índia-Paquistão em 1965. O governo chegou a um acordo com o Canadá para construir um reator nuclear com o nome de Usina Nuclear de Karachi (KANUPP). Mas no decurso

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

deste KANUPP recebeu supervisão da AIEA porque o reator não só é capaz de produzir eletricidade, mas também foi capaz de produzir plutônio que pode ser usado para uso militar. Até 1974, o Canadá não continuava mais enviando especialistas, tecnologia da informação, combustível e equipamentos devido ao temor de uma supervisão fraca na instalação. Enquanto isso, desde o teste nuclear da Índia em 1974, a proliferação nuclear tornou-se uma séria preocupação internacional. Para obter material de plutônio - que é necessário como material básico para armas nucleares - o Paquistão precisa de instalações adicionais na forma de instalações de separação de plutônio. No final da década de 1960, o Paquistão assinou um contrato de cooperação com a British Nuclear Fuels Limited (BNFL) e a Belgonucleaire para a cooperação no projeto da instalação da BNFL, que é capaz de separar até 360 gramas por ano. As ambições do Paquistão não pararam até 1973, o Paquistão assinou com sucesso um novo contrato de cooperação com a empresa francesa Saint-Gobain Techniques Nouvelles (SGN).

Essa colaboração é necessária para construir instalações em uma escala maior do que KANUPP, uma instalação conhecida como Chasma. A instalação de Cashma é capaz de produzir 200 kg de plutônio anualmente.15 No entanto, esse esforço colaborativo não se concretizou depois que o presidente da França, Giscard D'Estaing, cancelou abruptamente o contrato em 1977. Essa atitude francesa foi o resultado da pressão exercida pelo Os Estados Unidos, por meio de seu ministro das Relações Exteriores, Henry Kissinger, que continuou a pressionar a França para cancelar seus contratos de cooperação com o Paquistão.16 Essa preocupação dos EUA baseava-se nos temores norte-americanos de que o Paquistão tentasse fabricar armas nucleares. Se apenas a colaboração Paquistão-SGN for bem-sucedida, o Paquistão produzirá material de plutônio que é bastante grande e certamente será perigoso se não receber supervisão suficiente. O fim da colaboração com o Canadá e a continuação da SGN fez com que o Paquistão tentasse encontrar outras alternativas, nomeadamente utilizando o HEU como material básico. O esforço que o Paquistão deseja realizar não é fácil, dada a necessidade de uma tecnologia considerável que é a existência de uma máquina rotativa (centrífuga) para enriquecer urânio para obter a composição certa.17 Essa tecnologia é propriedade do Dr. Abdul Qadeer Khan, que é disposto a ajudar seu país nesta tecnologia de motor de jogador. Khan faz uso da falta de controle de exportação para obter componentes básicos para fazer ultracentrífugas separadamente de vários países. A habilidade de Khan certamente não está separada da experiência que ele teve enquanto ainda trabalhava na URENCO, que é uma colaboração entre a Holanda, a Alemanha e a Grã-Bretanha. Durante esse tempo, o Paquistão foi capaz de realizar o processo de enriquecimento e desenvolvimento de tecnologia nuclear em seu próprio país, utilizando o potencial de Khan. A capacidade alcançada pelo Paquistão em dominar a tecnologia nuclear está crescendo. Depois de ser capaz de produzir HEU, o Paquistão precisa de um míssil capaz de transportar ogivas nucleares. A capacidade crescente da Índia em termos de posse de mísseis está

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

pressionando o Paquistão a fazer o mesmo. Khan em 1982 disse a Zia que ele foi capaz de enriquecer HEU e agora ele quer fazer mísseis. Zia então deu suporte e, finalmente, dois anos depois este trabalho foi concluído. A primeira fabricação de mísseis do Paquistão foi chamada de Hatf-1, que tem um alcance de 80 km. O primeiro teste executado em abril de 1988 mostrou a fraqueza desse tipo de míssil, que só consegue atingir distâncias insatisfatórias. O Hatf-2 que é testado ao mesmo tempo pode atingir 300 km, mas este tipo de míssil não é confiável e o desenvolvimento continua com o nascimento do Hatf-3 que tem a mesma falha, ou seja, precisão inadequada.

A fraqueza mostrada nos mísseis anteriores fez o Paquistão tentar desenvolver novos tipos de mísseis. A PAEC decidiu cooperar com a China para a compra de mísseis do tipo M-11. Este míssil é nomeado pelo Paquistão como Shaheen, que significa Águia. A capacidade de explorar Shaheen-1 atinge uma distância de 800 km com uma capacidade de carga de 500 kg. enquanto para Shaheen-2 tem uma distância de até 2.000 km. Em julho de 2000, o PAEC afirmou que ambos os tipos de mísseis tinham a capacidade de transportar capacidade nuclear). Se o PAEC cooperar com a China, então Khan está procurando outras alternativas em seus esforços para desenvolver capacidades de mísseis. Khan escolheu um caminho diferente ao se aproximar da Coreia do Norte. A Coréia do Norte enviou partes do míssil Nodong, enquanto o Paquistão enviou dinheiro e arroz em troca. Ghauri-1 foi testado em abril de 2000 com um alcance de até 1.500 km. Este míssil é considerado capaz de transportar uma carga de 700 kg. Depois de adotar a tecnologia da Coreia do Norte, o Paquistão tentou desenvolvê-la produzindo com sucesso Ghauri-2 e Ghauri-3 com capacidades de até 2.000 e 3.000 km, respectivamente. Essa distância dá ao Paquistão a capacidade de atingir alvos na Índia. O Ghauri-2 foi testado em 14 de abril de 1999, 3 dias depois que a Índia conduziu um teste de míssil Agni-2. O Ghauri-2 foi lançado a partir de um lançamento nuclear móvel em Dina, cerca de 60 km a leste do Paquistão, capital de Islamabad, e pousou em Jiwani, a oeste da província de Baluchistão. Aeronaves pertencentes à Força Aérea do Paquistão são, em média, usadas para lançar armas nucleares, especialmente caças F-16 de fabricação americana. Outras aeronaves, como o Mirage-V ou A5 fabricado na China, também são capazes dessa finalidade. Alguns F-16s podem ter sido modificados para ter a capacidade de lançar armas nucleares usadas nos Esquadrões 9 e 11 em Sargodha, 160 km ao norte da cidade de Lahore. O F-16 tem um alcance de 1.600 km ou mais e pode ser usado para transportar até 5.450 kg externamente em 1 sob a fuselagem e seis sob o centro da asa. Como o Paquistão, a Índia também produz mísseis, nomeadamente Pritvi, com capacidade de carga de 1500 kg e alcance de 150 km. Além disso, a Índia está desenvolvendo mísseis Sagarika com um alcance de 300 km que podem ser lançados de submarinos. Agni que é um míssil de médio alcance atinge 2.000 km e um transporte maior de 1.000 kg. Mesmo a Índia também está desenvolvendo um míssil intercontinental (ICBM) sob o nome de Surya com um alcance de 12.000 km.

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

A ameaça do uso da força sempre desempenhou um papel nas relações internacionais e o desenvolvimento da tecnologia militar teve um impacto importante na estrutura e nos processos do sistema político. As armas termonucleares e os sistemas de mísseis de longo alcance não são apenas quantitativamente diferentes dos anteriores. O sistema também possui equipamentos qualitativos que têm e continuarão a ter um impacto significativo no sistema internacional, em suas unidades membros e na natureza de seus relacionamentos. A essência da política de dissuasão é como o ator A é capaz de mostrar sua intenção ao ator B. A incrível capacidade destrutiva das armas nucleares tornou o custo de seu uso uma barreira, exceto no caso de provocação extrema. Como há muito poucos, se houver, objetivos políticos que podem ser alcançados por meio da guerra nuclear, a principal função dessa arma é apenas como uma ameaça para possíveis inimigos. A dissuasão, que é utilizada pelos tomadores de decisão de uma nação, visa prevenir certas ações de inimigos que possam existir e pode ser considerada uma forma de influenciar outras nações. Para o próprio Paquistão, a energia nuclear pode ser usada para fins políticos. Embora para obtê-lo sejam necessários fundos que não são pequenos. Uma ameaça externa que ameaça a segurança nacional é uma das considerações que está levando o Paquistão a desenvolver suas capacidades nucleares. A Índia, que desde 1974 conseguiu realizar um teste nuclear, tornou a região do Sul da Ásia uma ameaça real. Principalmente no Paquistão, que tem problemas com a Índia. Em um contexto de conflito, é natural que o Paquistão se sinta ameaçado e tente proteger seu país dessa ameaça. A estratégia adotada pelo Paquistão é um passo da política estratégica nuclear que é usada como a melhor estratégia de dissuasão para o inimigo. Como o presidente do Paquistão, Pervez Musharraf, também disse que, enquanto a Caxemira ainda for uma preocupação do Paquistão, isso permanecerá e será um interesse de segurança comum do Paquistão. Este é um direito da nação paquistanesa desde sua separação da Índia. Ele disse ainda que esta foi na verdade uma resposta delineada na política externa do Paquistão, que colocou a Índia em uma posição como uma ameaça real. Portanto, em tal situação, é importante para o Paquistão evitar que a guerra ocorra por meio de dissuasão e diplomacia totais.

Vitória do Partido Bharatiya Janata (BJP), festa Nacionalistas hindus indianos de direita em março de 1998 trouxeram Atal Behari Vajpayee ao cargo de primeiro-ministro em substituição a I.K Gujral. O BJP em sua agenda política reavaliou a possibilidade de desenvolver e fazer da Índia uma das nações nucleares. Essa agenda foi comprovada pela realização de testes de armas nucleares em 11 e 13 de maio de 1998 cinco vezes em Pokaran, perto da região de Rajasthan. Este evento é considerado um esforço da Índia para fortalecer seu poder até agora e, ao mesmo tempo, colocar sua própria pressão sobre o Paquistão, cuja posição enfraquecerá ainda mais o problema da Caxemira. Esta ação indiana teve um efeito sobre o Paquistão e causou uma reação significativa. O Paquistão procura traduzir as intenções da Índia e, claro, no contexto do conflito que está

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

acontecendo, o Paquistão é capaz de ler as intenções da Índia de maneira adequada. Acontece apenas que é necessário um processo maduro para Nawaz Sharif decidir que reação o Paquistão terá e prever quais consequências serão recebidas se o Paquistão conduzir ou não esse teste nuclear.

O Paquistão enfrenta duas opções, a saber, permanecer sob pressão da Índia, com a consequência de que a Índia continuará a considerar o Paquistão como um país fraco ou tentará responder ao "desafio" das forças indianas, embora tenha de enfrentar embargos de outros países, como a ameaça de sanções econômicas dos Estados Unidos, Austrália, Japão e Suécia, que também ameaçaram impor sanções militares ao Paquistão. O próprio Japão, que é o maior doador do Paquistão, ameaçou adiar seu pacote de ajuda. O Paquistão parece escolher a segunda opção, que tem um valor de risco para a economia doméstica. A escolha do Paquistão mostra que o valor da segurança ainda é um preço mais alto em comparação com a economia. A atividade econômica funcionará bem se uma atmosfera propícia for alcançada. Especialmente se você tiver que olhar para experiências anteriores relacionadas a questões de segurança com países vizinhos. Além disso, essa escolha também mostra que a Índia ainda é uma ameaça real à segurança do Paquistão. A concretização da decisão foi finalmente implementada. Poucos dias depois, o Paquistão conduziu um teste nuclear seis vezes para conter o que foi feito pela Índia. Este ensaio foi dividido em dois períodos, nomeadamente em 28 vezes cinco vezes e seguido posteriormente em 31 de maio de 1998 com um ensaio. Este julgamento é um ponto alto em que o Paquistão quer mostrar sua capacidade não só para a Índia, mas também para o mundo que o Paquistão se declarou entre os países com capacidade nuclear.

C. MÉTODO

O valor psicológico dado pela estratégia de dissuasão tem dois componentes, a saber, comunicação e percepção. Este evento experimental é um método usado pelo Paquistão como meio de "comunicação" com a Índia de que o Paquistão não é apenas um disparate sobre sua energia nuclear e mostra também que a energia nuclear do Paquistão existe e pode ser invocada para dar uma série de ameaças à Índia . Se a Índia pode testar cinco vezes, então não é difícil para o Paquistão igualar esse número, mesmo o Paquistão é capaz de conduzir seis testes, o que significa superior à Índia. Durante o período anterior a 1998, a Índia não foi convencida pelas capacidades nucleares do Paquistão. A capacidade nuclear do Paquistão na época era limitada a declarações emitidas por líderes paquistaneses. Portanto, esta oportunidade é a hora certa para convencer a Índia de que o Paquistão tem realmente sido capaz de desenvolver suas capacidades nucleares. A demonstração desse poder também afetou o surgimento de percepções que seriam aceitas

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

pela Índia na forma de ameaças. Essa ameaça terá sucesso quando o Paquistão conseguir comunicar suas intenções de modo que surja na Índia a percepção de que o Paquistão é um país a ser considerado e que a Índia é capaz de ser mais racional e desencorajar suas intenções de usar a violência no trato com o Paquistão, tanto no forma de política e ação. A credibilidade não é inerente às armas, mas em função da percepção que o desafiante tem das armas e da intenção e motivação de seus proprietários. Se nas guerras de 1947, 1965 e 1971, a Índia ainda ousava usar seu poderio militar para suprimir o Paquistão. No entanto, a condição do Paquistão agora é muito diferente das condições daquela época. Naquela época, o Paquistão dependia apenas de forças convencionais muito menores do que a Índia. Também foi visto como uma compulsão para o Paquistão, uma vez que não havia outra escolha de poder em que se pudesse confiar na época. Como resultado, a Índia conseguiu derrotar o Paquistão em todas as frentes. Depois de desenvolver suas capacidades nucleares, o Paquistão ocupa uma posição estratégica para poder neutralizar a Índia de forma a não realizar agressões em larga escala como antes. Durante a Conferência da Commonwealth em 17 de outubro de 1991, o PM Paquistão e Índia, Nawaz Sharif e Narismha Rao mantiveram uma reunião bilateral. Nesta ocasião, os dois primeiros-ministros discutiram vários assuntos em geral. Mesmo que o encontro não tenha produzido nada de significativo, pelo menos o encontro indicou que havia um bom alicerce para reiniciar o relacionamento depois de passar por tensões no ano anterior.

A reeleição de Nawaz Sharif como Primeiro-Ministro em 3 de fevereiro de 1997 reabriu a oportunidade para a retomada das negociações bilaterais ao nível do Secretário de Relações Exteriores, que está paralisada desde então. Por ocasião da participação na 9ª Cúpula da SAARC nas Maldivas em 12 de maio de 1997, o PM Nawaz Sharif e o PM IK Gujral mantiveram conversas. Como resultado das negociações, foi acordado que um Grupo de Trabalho seria formado para discutir os problemas que estavam dificultando e que continuaria as negociações em nível de Secretário de Relações Exteriores em junho de 1997. A discussão contínua sobre o nível de Secretário de Relações Exteriores em 15-18 de setembro de 1997 em Nova Delhi não produziu nada e não obteve progresso significativo. Naquela reunião, a Índia também evitou discutir a formação de um Grupo de Trabalho Conjunto formado especificamente para discutir a questão da Caxemira. O ponto de tensão das relações entre os dois países atingiu o pico quando a Índia realizou um teste nuclear em 11 de maio de 1998, que foi devolvido pelo Paquistão em 28 e 30 de maio de 1998. Retaliação mútua seguida de declarações dos líderes dos dois países que ameaçar uns aos outros pode prejudicar o equilíbrio estratégico na região do sul da Ásia. O evento, além de trazer desastre aos dois países com o embargo imposto pelos EUA, também gerou desconfiança entre os dois. Essa condição certamente será contraproducente para os esforços que vêm sendo desenvolvidos pelos dois países. O alívio das tensões entre os dois países começou quando o primeiro-ministro Nawaz Sharif e o primeiro-ministro indiano Atal Behari Vajpayee aproveitaram sua presença na Escola

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

Secundária da ONU em Nova York em setembro de 1998 para realizar reuniões bilaterais. Como seguimento, o secretário-geral do Ministério das Relações Exteriores do Paquistão, Shamsad Ahmad, e seu homólogo indiano K. Raghunath, em Islamabad, de 16 a 18 de outubro de 1998, discutiram duas agendas principais, nomeadamente Paz e Segurança, incluindo CBMs e a questão Jammu-Caxemira. Este encontro foi o 10º nível de discussão do Ministro das Relações Exteriores dos dois países que se manteve após 13 meses de paralisação.

Na reunião de 16 de outubro nas negociações sobre Paz e Segurança, o lado indiano rejeitou todas as agendas oferecidas pelo Paquistão, a saber, não uso da força, solução pacífica de disputas, restrição nuclear e regime de estabilização nuclear e CBMs. Na questão Jammu-Caxemira discutida em 17 de outubro, a Índia rejeitou todos os tópicos oferecidos pelo Paquistão, nomeadamente em relação à resolução pacífica de disputas, não repressão e redução do conflito. Naquela ocasião, a Índia continuou a transmitir sua posição até agora, ou seja, a Caxemira é uma parte integrante da Índia, sem disputas e terrorismo infiltrado do Paquistão. As esperanças voltaram depois que o primeiro-ministro indiano Atal Behari Vajpayee, em 20 de fevereiro, fez uma visita ao Paquistão. Esta visita tem grande significado para as relações entre os dois países porque a visita de Vajpayee é a primeira visita do primeiro-ministro da Índia em 10 anos. Nessa ocasião, Vajpayee lançou o "Bus Diplomacy", ou seja, a abertura de uma linha de ônibus que atravessa a fronteira entre o Paquistão e a Índia. A abertura desta linha de ônibus é o primeiro passo dado por Vajpayee para se reconectar com o Paquistão depois que ele serviu como o novo PM indiano, substituindo PM Gujral. Além disso, este evento também foi considerado uma prova do desejo da Índia de manter a estabilidade regional. As indicações que levaram à melhoria das relações entre os dois países se fortaleceram após alguns dias depois, houve uma reunião de alto nível entre o PM Nawaz Sharif e o PM Atal Behari Vajpayee. Na reunião, os dois líderes produziram dois acordos, nomeadamente o primeiro acordo sobre a própria Cimeira, intitulado "Declaração Lahore ", enquanto o segundo diz respeito à cooperação para aumentar a confiança mútua (CBMs). A Cúpula Índia-Paquistão foi considerada bem-sucedida porque proporcionou um melhor entendimento entre as duas partes. A visita de Vajpayee ao Paquistão também criou um clima propício à criação da paz , segurança e estabilidade na região do Sul da Ásia.

O objetivo dos dois líderes é, pelo menos, passar uma mensagem a cada um de seus povos para que fique longe da violência e continue tentando promover um relacionamento mais harmonioso. Um acordo para aumentar a confiança mútua é urgentemente necessário entre os dois países vizinhos, que recentemente pressionaram um ao outro, após um teste de armas nucleares conduzido pelos dois países em 1998. Claro, a questão da Caxemira, que resolveu a guerra entre os dois países desde então 1947

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

foi discutido. No entanto, os dois líderes ainda não estão dispostos a relaxar a posição. O compromisso dos dois líderes limitou-se a uma guerra de declarações de acusação mútua. Como na situação anterior, a esperança de estabelecer um relacionamento melhor não era longa. Poucos meses depois, houve outra tensão que fez os dois países voltarem a usar a violência armada. Este evento foi desencadeado pela violação da Linha de Controle (LoC) pela Índia, aumentando suas tropas e realizando ataques em território paquistanês. A Índia iniciou as violações primeiro, forçando o Paquistão a responder. As violações cometidas pela Índia certamente ameaçam o processo de diálogo que está sendo iniciado pelos dois países de acordo com a Declaração de Lahore. Em 2000, o Paquistão foi visto como desempenhando um papel ativo no início do diálogo entre os dois países. No entanto, a Índia ainda reluta em aceitar o convite do Paquistão porque considera que os militares do general Musharraf foram os arquitetos da infiltração de Mujahideen na região de Kargil em maio passado.

D. CONCLUSIÓN

A longa história do conflito da Caxemira deu um colorido à dinâmica jornada das relações entre a Índia e o Paquistão. Guerra e paz sempre se revezam no preenchimento de suas posições. A política nuclear, considerada um passo estratégico para o Paquistão, trouxe uma nova dimensão às suas relações com a Índia. Anteriormente, a Índia priorizava a ação militar em vez de negociar caminhos. Tudo isso se baseia na crença de que a Índia tem um poder superior ao Paquistão. O Paquistão não para por aí diante da superioridade da Índia ... No entanto, o Paquistão busca dar os passos certos para superar esse problema por meio da política nuclear. Esta política tem se mostrado capaz de impedir a Índia de usar seu poderio militar contra o Paquistão e fazer com que a Índia seja mais cooperativa na resolução dos problemas entre os dois países, especialmente a disputa da Caxemira que é o principal problema.

REFERENCIAS

1. Holsti, K.J., International Politics: Framework for Analysis (language translation by M. Thahir Azhary), Erlangga, Jakarta, 1988.
2. Mashad, Dhurorudin, Kashmir: Unending Suffering, Khalifa, Jakarta, April 2004.
3. Bennnett Jones, Owen, Pakistani Eye of Storm, Maktaba Jadeed Press, Lahore, 2002.
4. Rudi, T. May, Contemporary International Relations and Global Problems: Issues, Concepts, Theories and Paradigms, PT Refika Aditama, Bandung, 2003.
5. Weissman, Steve and Herbert Krosney, The Islamic Bomb, Times Books, New York, 1981.

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com

6. Ghautier, David, Nuclear Deterrence; Ethic & Strategy, The University of Chicago Press, Chicago, 1985.
7. Griffith, Martin and Terry O'Callaghan, International Relations: The Key Concepts, Routledge, New York, 2002.
8. Akhtar, Rafique, Pakistan Year Book: 1991-1992, Alamgir Package, Karachi, 1993.
9. Synnott, Hillary, The Causes and Consequences of South Asia's Nuclear Test, Oxford University Press, New York, 1999.
10. Matinuddin, Kamal, India-Pakistan Standoff, Regional Studies No. 3, Vol. XXI, summer 2003.

IJSOC © 2021
http://ijsoc.goacademica.com